

'Não haverá pizza', garante senador

Ramez Tebet assegura que Conselho de Ética não vai decepcionar a opinião pública

BRASÍLIA – O presidente do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MT), aposta que a acareação entre a ex-diretora do Prodasen, Regina Borges e os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF) possa anular as divergências identificadas nas versões da violação do painel de votação do Senado. Em entrevista exclusiva ao **Estado**, ele faz uma avaliação do episódio e promete não decepcionar a opinião pública. "Não haverá pizza", avisa.

Estado – À qual conclusão já é possível chegar após a tomada dos depoimentos pelo Conselho de Ética?

Ramez Tebet – Já provamos a materialidade do fato. Nenhum senador, nem ninguém, põe em dúvida o laudo da Unicamp e este é um fato concreto. Houve violação. O que é mais questionando é o grau de responsabilidade de cada um. Todos eles estão envolvidos, sem emitir juízo de valor, e chegaram a confessar. Só que as motivações, segundo eles, são diversas. Para o itinerário e a menira de fazer, o caminho percorrido, eles dão versões diferentes. E todos eles mentiram em um momento ou outro, inclusive os funcionários. Todos mentiram e agora buscam uma explicação para a mentira. **Estado** – O senhor está convencido de que há um responsável pela violação do painel?

Tebet – Dizer que não há um responsável pela violação do painel é absurdo. Tem uma grande pergunta no ar, a que o Senado tem de dar uma resposta entre o forte e o fraco, é um ponto capital. Nós temos um inquérito administrativo avaliando a responsabilidade dos funcionários e o processo no conselho avaliando o caso dos senadores. Você já imaginou, o resultado de um ser diferente do outro? Olha a gravidade da situação, diante da opinião pública. Todo mundo tem de ser analisado com os mesmos olhos: se um tem culpa, o outro também tem. Se funcionários foram culpados, não é possível que outros não sejam. A grande preocupação que eu noto entre os senadores, é que ninguém está con-

cordando que a corda estoure só no lado mais fraco, senão a instituição naufraga.

Estado – Então, não persistem dúvidas?

Tebet – Para alguns senadores, as dúvidas que existem não são essenciais. Tenho ouvido deles que, para o essencial, já se pode julgar mesmo sem a acareação.

Estado – Por este raciocínio, é desnecessária a acareação entre Regina Borges, ACM e Arruda?

Tebet – Não.

Eu estou até preocupado com a melhor maneira de fazer isso. Terei de ter muita firmeza para conduzir o debate. Nós vamos fazer a acareação para aprofundar. Quanto mais esclarecimento, melhor. Mas essa acareação não vai sustentar um juízo de valor, pois os senadores já formaram sua conclusão. Vamos insistir nas divergências.

Estado – Quais são eles?

Tebet – Eu vou estabelecer os pontos de diferença e pedi que os senadores me entreguem até quarta-feira o que consideram contradições. Mas um deles é quem pediu a consulta. O Antonio Carlos disse que não pediu nada ao Arruda e o Arruda sustenta que o ACM lhe pediu que consultasse a doutora Regina e ainda autorizou o uso do seu nome. Existe uma contradição aí, há uma diferença. Por outro lado, o Arruda disse que apenas consultou a doutora Regina sobre a segurança do painel e ela afirma que recebeu uma ordem.

Estado – Mas essa questão específica, se houve uma ordem, não é difícil dirimir já que se trata de um entendimento pessoal de cada um?

Tebet – Não, de jeito nenhum. Pode até não esclarecer, mas uma das vantagens da acareação é que os senadores vão olhar "olho no olho" de todos outros três. Não posso dizer que seja quase um detector de mentiras, mas eles poderão avaliar quem está dizendo a verdade ou não.

Estado – Uma das teses propostas pelos envolvidos

é que a violação do painel não seria tão grave quanto os escândalos por desvio de dinheiro público e prática de corrupção. O senhor concorda?

Tebet – Tudo envolve ética. O desvio de dinheiro público é uma questão ética também, de honestidade. Ou o sujeito tem honestidade ou não tem. A violação também é uma desonestidade.

Estado – A que o senhor atribui a repercussão criada por este episódio?

Tebet – A respeitabilidade do Senado é tão grande, que o painel parece estar representando o coração de um corpo. Feriram esse coração. Ninguém imaginava que no Senado pudesse haver traça desse jeito, que se pudesse violar o sigilo de uma votação, a manifestação de vontade do senador. Tirando os trechos de um discurso e de outro você vê que houve um teatro, o que deixa o povo indignado. Para o povo, o Senado foi atingido por um rosário de mentiras e todo político é um ator

ção de vontade do senador. Tirando os trechos de um discurso e de outro você vê que houve um teatro, o que deixa o povo indignado. Eu vejo um cara chorar porque disse e depois chorar de novo porque não disse. Como é que o povo vai acreditar? Para a sociedade, é uma mentirada danada. O que está em jogo não é só a credibilidade das pessoas, mas da instituição. O Senado recebeu sua maior bofetada. Para o povo, ele foi atingido por um rosário de mentiras e todo político é um ator, que finge, engana.

Estado – Até onde o senhor está disposto a chegar nesse episódio? Pode-se esperar uma pena dura?

Tebet – O fato aconteceu e os atores foram identificados. Não posso manifestar a minha opinião pessoal sobre a culpabilidade, mas vou até o fim como presidente do conselho. Vamos apresentar uma conclusão e executá-la. Se for pela condenação, tenho que encaminhar para a frente. Se chegar isso, não vou lavar as mãos. A minha preocupação é que o Conselho de Ética chegue a um bom termo.

Estado – O apoiaria um acordo entre os partidos para preservar ACM e Arruda com vistas a proteger o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA).

Tebet – Eu não posso dizer

que não ouvi. Mas ninguém me consultou. Todo mundo sabe, pela minha vida, que eu não entro em acordo nenhum. Não acredito que isso venha a ser feito, porque é um absurdo. À essa altura dos acontecimentos, os fatos ganharam pernas próprias, estão à nossa frente. Nós é que estamos atrás dos fatos. Além disso, os senadores vão decidir pela sua consciência. Qualquer tentativa de resolver no tapetão inutiliza o Senado, quem pensar nisso está pensando na derrocada do pouco que resta do Senado diante da opinião pública.

Estado – Uma renúncia dos senadores envolvidos esvaziaria a ação do conselho, caso os senadores venham a decidir pela cassação?

Tebet – A renúncia não tem efeito para as consequências do processo. É o que diz a Constituição. Resta saber, neste momento, se instauramos um processo no conselho. O documento que recebemos, firmado pela oposição, pede averiguações sobre a reportagem da *IstoÉ*. É o que estamos fazendo, mas averiguação é processo? Pela Constituição, os partidos políticos, ou a Mesa do Senado, precisam apresentar uma representação formal pedindo a perda do mandato. O Conselho também pode representar.

Estado – O que pesará mais: o prestígio dos políticos envolvidos, a gravidade do fato ou a pressão da opinião pública?

Tebet – Quanto maior a pessoa, maior pode ser o tombo. Tem de se olhar a verdade e decidir com base nisso. Acima das pessoas está a instituição. Os homens passam, mas a instituição fica.

Estado – O senhor concorda com declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso de que o Congresso precisa primeiro resolver seus problemas antes de acusar e investigar o governo federal?

Tebet – Não. Se ele falou isso, ele falou errado. Não foi todo o Congresso nem todo o Senado que participou disso. Aliás, a maioria dos senadores se sentiu enganada.

Estado – À cada sessão, o senhor pede a ajuda de Deus. Qual é a sua aflição?

Tebet – Isso não é regimental. Eu peço ajuda para fazer justiça e para que tudo corra em ordem. A oração é prática constante da minha vida e eu tenho horror de desrespeitar as pessoas. (D.O.)